



**CENTRO UNIVERSITÁRIO NOBRE
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LORRANA ALVES CRUZ

**TRANSGÊNEROS NA PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO: A INSERÇÃO
ATRAVÉS DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FEIRA DE SANTANA – BA
2021

LORRANA ALVES CRUZ

**TRANSGÊNEROS NA PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO: A INSERÇÃO ATRAVÉS
DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário Nobre
(UNIFAN) como requisito final obrigatório
para obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Gustavo Marques
Porto Cardoso

FEIRA DE SANTANA – BA
2021

**TRANSGÊNEROS NA PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO: A INSERÇÃO ATRAVÉS
DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

LORRANA ALVES CRUZ

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

PROF. ME. GUSTAVO MARQUES PORTO CARDOSO
(ORIENTADOR)

PROF. ME. GUSTAVO MARQUES PORTO CARDOSO
(PROFESSOR DE TCC II)

PROFA. MA. MARCELLE ESTEVES REIS FERREIRA
(CONVIDADA)

CENTRO UNIVERSITÁRIO NOBRE

TRANSGÊNEROS NA PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO: A INSERÇÃO ATRAVÉS DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

TRANSGENERS IN THE PRACTICE OF PHYSICAL EXERCISE: INSERTION THROUGH THE PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL

*LORRANA ALVES CRUZ¹
GUSTAVO MARQUES PORTO CARDOSO²*

RESUMO

Introdução: Esta revisão integrativa teve como objetivo discutir a importância da representatividade da inserção dos transgêneros na prática de exercícios físicos através dos profissionais de Educação Física. **Métodos:** Foram identificados 48 artigos publicados a partir dos descritores e filtros usados. **Procedeu-se** à leitura dos resumos e foram selecionados 18 artigos que relacionaram transgêneros e exercícios físicos. **Resultados:** A partir desses 18 artigos, foram selecionados 12 que obedeceram aos critérios de inclusão e 06 foram definidos para este estudo. **Conclusão:** O exercício físico prescrito e promovido pelo profissional de educação física terá um impacto maior na sociedade. E um ponto a ser enfatizado é usar essa inserção na prática de exercício físico como combate ao preconceito, a transfobia. Sugere-se a realização de mais estudos para que possa servir de base de construção de mais temática semelhantes, para que possa servir de ferramenta para lidar com as novas demandas sociais que vem surgindo.

Descritores: Transgêneros, exercício físico.

ABSTRACT

Introduction: This integrative review aimed to question and discuss the importance of the representativeness of the inclusion of transgender people in the practice of physical exercise through Physical Education professionals. **Methods:** Forty-eight published articles were identified based on the descriptors and filters used. **The abstracts** were read and 18 articles that related transgender people and physical exercise were selected. **Results:** From these 18 articles, 12 were selected that met the inclusion criteria and 06 were defined for this study. **Conclusion:** The physical exercise prescribed and promoted by the physical education professional will have a greater impact on society. And a point to be emphasized is to use this insertion in the practice of physical exercise as a fight against prejudice, transphobia. It is suggested that more studies be carried out so that it can serve as a basis for the construction of more similar themes, so that it can serve as a tool to deal with the new social demands that have been arising.

Key-words: Transgender, physical exercise.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre as quebras de padrões, principalmente as que se referem à sexualidade, vem ganhando espaço na sociedade; a quebra de padrões

heterocisnormativos¹ instigou questionamentos acerca das classificações rígidas a respeito da identidade de gênero e orientação sexual.

Pela perspectiva humanística, Connel (2016) corrobora com a ideia de que, o gênero é primariamente como uma estrutura, uma dimensão central de nossa vida social. O gênero pode ser definido de muitas formas: como um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação dos corpos, e outras formas mais. Mas o que faz com que qualquer uma delas tenha importância para o mundo é o que podemos fazer coletivamente com essas identidades e classificações.

Exposições a respeito dos conceitos apresentados anteriormente, vem ganhando espaço em grande proporção nas redes sociais, em especial, o público-alvo dessa pesquisa, os indivíduos transgêneros. Para Lanz (2016) mesmo sabendo que se trata apenas de definições incompletas e pouco precisas quando aplicadas à realidade específica de cada um de nós, os conceitos e descrições têm sido uma importante referência para avaliar quem eu sou e onde eu me encontro dentro da população transgênera, tendo como pano de fundo as circunstâncias históricas, biológicas, psicológicas, políticas e socioculturais desse fenômeno. Segundo a autora o conceito da população trabalhada neste estudo, é:

TRANSGÊNERO (Trans, Trans*, TG ou T*; inglês *transgender*) - todo tipo de pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas no que diz respeito à conduta preconizada pelo dispositivo binário de gênero [...]. O termo transgênero vem sendo utilizado para classificar as pessoas que, de alguma forma, não podem ser socialmente reconhecidas nem como “homem”, nem como “mulher”, pois seu “sexo social” não se enquadra em nenhuma das categorias disponíveis, que são masculino e feminino (LANZ, 2016).

De acordo com Lopes *et al.* (2019) as modificações que são inscritas diretamente no corpo são vistas como primárias na hierarquia do processo de construção da identidade do homem e da mulher transgênero, que se encarrega geralmente de reunir referências sobre masculino e feminino com as ferramentas que possui (alterações do sexo anatômico por meio de técnicas cirúrgicas, exercício físico, uso de hormônios).

¹ Diz-se da disposição político-cultural, falsamente naturalizada como determinismo biológico, que estabelece a heterossexualidade e cisgeneridade como o único tipo de orientação sexual e gênero “normal”, o que faz com que todos os demais tipos de sexualidade humana sejam considerados antinaturais e sociodesviantes (LANZ, 2016).

Apesar da contemporaneidade e relevância da temática pelos pontos de vista social e científico, encontram-se poucos estudos no âmbito humanístico relacionados aos profissionais de educação física e a inserção dos transgêneros na prática de exercícios físicos através dos mesmos.

Diante do que foi percorrido ao longo desta introdução, somado aos desafios mundanos enfrentados por esse público ao longo de toda história, surgiu-se o interesse da discussão do presente estudo, apresentar a importância da inserção através do profissional de educação física de transgêneros na prática de exercício físico.

Buscou-se discutir e explicitar a relevância dessa temática visando contribuir para acervos científicos, visando uma ampliação do trabalho do profissional de educação física no que diz respeito à promoção de inclusão de transgêneros na prática de exercício físico, gerando reflexões na sociedade.

METODOLOGIA

O presente estudo está pautado em uma revisão de literatura integrativa, de abordagem qualitativa, com natureza de pesquisa básica e objetivo exploratório. A revisão integrativa é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (SOUZA *et al.*, 2010).

Os Descritores da Saúde utilizados foram: transgêneros e exercício físico, e suas correlatas em inglês (*transgender, physical exercise*), analisados com o operador booleano AND. Foram incluídos todos os estudos que analisaram a relação entre os transgêneros e exercício físico, com datação entre 2000 e 2021, em línguas portuguesa e inglesa. Foram excluídos os trabalhos que relacionaram a temática proposta em outras datações e línguas. Sendo que a seleção dos estudos foi feita pelos autores de forma independente.

As bases de dados consultadas foram Literatura Latino-Americana e do Caribe (LILACS), onde identificou-se 1 artigo publicado a partir dos descritores e

filtros usados. Procedeu-se à leitura do resumo, identificando a relação transgêneros e exercício físico; obedecendo aos critérios de inclusão definidos para este estudo.

Já na *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*, identificou-se 2 artigos publicados a partir dos descritores e filtros usados. Procedeu-se à leitura dos resumos e foi selecionado 1 artigo que obedeceu aos critérios de inclusão definidos.

Já na *National Center for Biotechnology Information (PubMed)* identificou-se 45 artigos publicados a partir dos descritores e filtros usados. Procedeu-se à leitura dos resumos e foram selecionados 17 artigos que falam sobre os transgêneros e educação física. A partir desses 17 artigos, foram selecionados 12 que obedeceram aos critérios de inclusão definidos para este estudo. Como se trata de uma revisão de literatura, não foi necessária aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

Por conter poucos estudos no âmbito humanístico relacionados aos profissionais de educação física e a inserção dos transgêneros na prática de exercícios físicos, o fluxograma (figura 1) abaixo apresenta a quantidade de artigos encontrados e selecionados para construção deste estudo através dos critérios de inclusão estabelecidos.

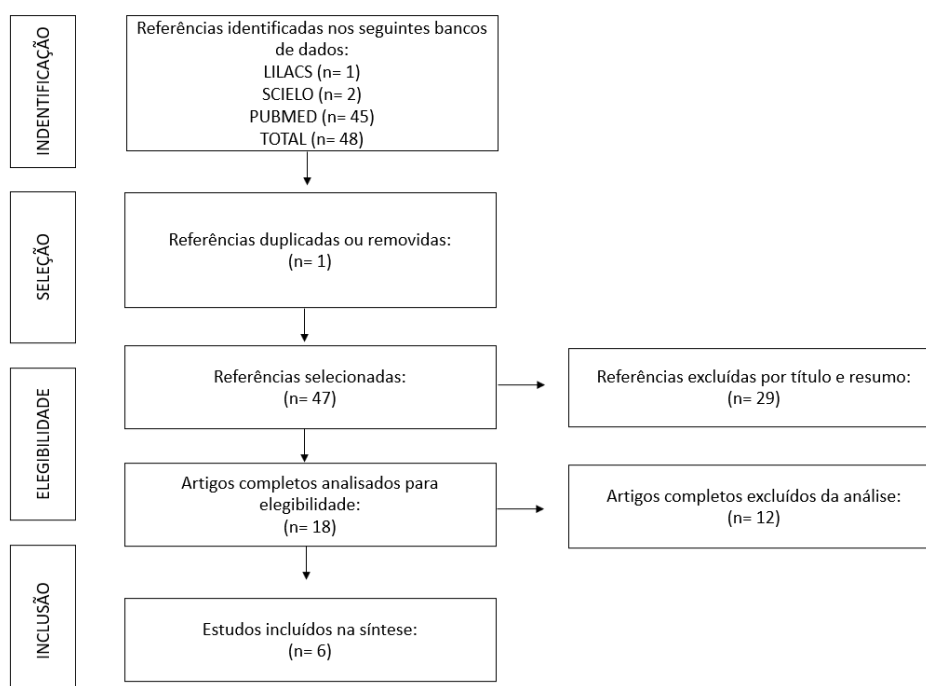


Figura 1. Fluxograma da metodologia empregada na revisão integrativa das bases de dados utilizadas.

DISCUSSÕES

Apesar de toda luta no processo de desconstrução do padrão heterocisnormativo, o sistema social segue implantando e propagando através das mídias e redes sociais, o “corpo padrão” feminino (cintura fina, seios fartos, pernas grossas e glúteos grandes) e masculino (musculoso, barbudo e cabelo curto) moralmente aceitos até a próxima moda.

Como citado por Sparkes *et al.* (2021) as histórias de transição não são apenas histórias sobre corpos, são histórias contadas por e por meio de corpos; junto com seu processo contínuo de transformação, os corpos das pessoas trans fornecem um senso de direção e integridade para a narrativa de transição.

Mahfouda *et al.* (2021) cita que um número crescente de jovens em todo o mundo está se identificando como trans ou diverso de gênero (TGD), ou seja, identificando-se com uma identidade de gênero que não se alinha com o sexo que lhes foi atribuído no nascimento (identificam-se como masculinos, femininos, não binários, agêneros, fluidos de gênero, genderqueer ou qualquer outra identidade de gênero). Ou seja, os indivíduos na maioria das vezes enfrentam conflitos em diversos aspectos e esferas sociais entre o que desejam intimamente e as representações corporais impostas pela bipolaridade (masculino e feminino) da sociedade heterocisnormativa.

Pessoas trans são aquelas que experimentam uma discrepância entre o gênero que lhes foi atribuído no nascimento e sua identidade de gênero. Homens transgêneros são pessoas que foram designadas como mulheres no nascimento, com base em suas características sexuais, mas se identificam como homens. Mulheres transgênero são pessoas que foram designadas como homens no nascimento, com base em suas características sexuais, mas identidade como mulher (BOUMAN *et al.*, 2019).

Como dito por Connel (2016), boa parte da pesquisa sobre gênero se baseia numa abordagem fundamentalmente estática e categórica; o gênero envolve duas categorias, masculino e feminino. Para uma melhor compreensão Jorge e Travassos (2018, p 42-43) traz em termos linguísticos a diferenciação entre sexo e gênero:

O sexo é estabelecido segundo cada língua e seu léxico; a partir da antropologia, o gênero passou a ser utilizado para designar papéis sociais ligados ao sexo. O sexo de nascimento da criança designa um estado biológico sob a forma de homem ou mulher constituído por características físicas, sejam elas cromossomiais, hormonais ou anatômicas (internas e

externas). O gênero é uma construção cultural que costuma ser diretamente relacionada ao sexo e designa papéis, comportamentos, atividades e características considerados pela sociedade como apropriados aos meninos/homens e às meninas/mulheres. Assim, o sexo é da ordem do real do corpo, da anatomia e da biologia; o gênero é da ordem do simbólico e do imaginário, isto é, da ordem do sentido que a cultura na qual as pessoas vivem atribui ao que considera como masculino e feminino.

Influenciados pelos contextos histórico, cultural e social onde estão inseridos, as pessoas transgêneros constroem seu ideal corporal afim de reencontrar-se e conhecer sua nova identidade exposta através da construção corporal e por uma condição de existência mais digna e aceita pela sociedade.

A transgeneridade atravessa séculos e todos os contextos existentes em cada um deles. Young *et al.* (2020) descreve sobre o crescente número de pesquisas que indicam as preocupações com a imagem corporal, sendo motivos centrais do estresse e pela insatisfação corporal entre as pessoas trans. Em sua pesquisa sobre a exploração da imagem corporal e os exercícios como prioridades entre os TYP (jovens transgêneros), ele cita que os participantes geralmente estavam tão preocupados em alcançar uma determinada imagem corporal que se envolveriam em comportamentos extremos ou prejudiciais para alcançar os resultados desejados (alguns participantes mencionaram exercícios excessivos).

Assim, o desejo em transicionar para o masculino e/ou feminino sempre foi antigo, mas com o avanço da tecnologia e medicina a procura por cirurgias, hormonioterapias e exercício físico tornaram-se crescente; já que há a possibilidade de adequar o corpo ao gênero correspondente. Dito isso, com o advento da geração “fitness/saudável” (fator social) juntamente com outros fatores culturais e políticos, percebeu-se a possibilidade da utilização do exercício físico como ferramenta de construção desse corpo.

As mulheres transgêneros buscam definição do abdômen, ganho de massa muscular na região dos glúteos e perna e treinam minimamente e/ou não treinam os membros superiores; os homens transgêneros visam ganho de massa muscular na região dos membros superiores e definição do abdômen. Ou seja, ambos buscam mecanismos e técnicas que os ajudem na produção e desenvolvimento de características biológicas e estéticas que a sociedade acredita ser feminina ou masculina.

Serrano *et al.* (2019) e Lopes *et al.* (2019) apresentam em seus estudos a musculação como uma opção de adequação corporal que vai proporcionar

hipertrofia muscular. E no que se refere aos objetivos, ambos estudos apresentam falas consideradas como sinônimos de masculino ou feminino como os expostos a seguir:

As falas de E1, E4 e E5 tratam disto quando demonstram um discurso convergente diante do questionamento sobre o corpo desejado: “Cara, eu quero ficar sarado, musculoso (E1)”. “Eu quero ter um corpo mais malhado, definido (E4)”. “O corpo que eu quero ter é um corpo musculoso e definido (E5)” (LOPES *et al.*, 2019, p.8).

Logo no começo eu já comecei a malhar, eu nunca malhei a parte de cima, gostei sempre de malhar a parte de baixo, perna/bunda, essas coisas assim! (E4)

A barriga. Definir a barriga e aumentar o bumbum. (E1)

Ter muitas curvas, muitas curvas, que é o principal, principalmente a da cintura, a cintura é o ponto G, né? (E3)

Eu quero mais bunda e mais quadril. (E6)

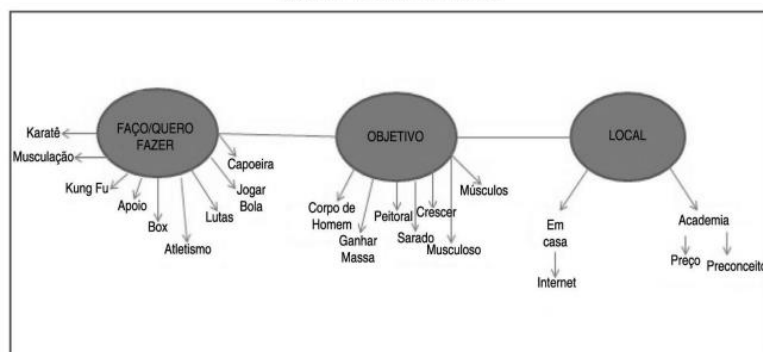
Eu gostaria de ter mais peito, eu gostaria de ter mais bunda, eu gostaria de ter mais coxa, eu gostaria de tudo mais. (E8) (SERRANO *et al.*, 2019, p. 6)

Ser reconhecido (a) visivelmente enquanto homem ou mulher pela sociedade evita muitas formas de violência (social, física, psicológica), principalmente em um país que continua liderando o ranking de assassinato de pessoas trans no mundo. A Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) apresenta em seu último boletim, n. 002-2021, 89 pessoas trans mortas no 1º semestre em 2021, sendo 80 assassinatos, 9 suicídios, 33 tentativas de assassinatos e 27 violações de direitos humanos. Vale ressaltar que:

O país naturalizou um processo de marginalização e precarização para a aniquilação das pessoas trans. Em 2020, a ANTRA encontrou um número recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans, com um total de 175 casos. Se consolidando como o ano com o maior número de assassinatos contra essa parcela da população. O ciclo de violência que afeta travestis e mulheres trans se assemelha na medida em que a morte é o ponto final de uma série de violações anteriores (ANTRA, 2021).

Além dos muitos desafios que já começam a ser enfrentados ao assumir-se transgênero, surge mais um ambiente nascente de olhares preconceituosos, negligentes e de bullying, a academia de musculação. Serrano *et al.* (2019) e Lopes *et al.* (2019) expuseram os dados de seus estudos a partir das entrevistas feitas, sendo possível notar a presença do tópico preconceito em ambos:

Figura 1- Rede de significados



Fonte: Dados do estudo.

Fonte: Serrano *et al.* (2019), página 5.

Fonte: Dados do estudo.

Fonte: Lopes *et al.* (2019), página 6.

Sobre a possibilidade de frequentar a academia, há o fato da falta de condições financeiras para o pagamento das mensalidades cobradas, sendo necessário muitas vezes escolher entre um tratamento hormonal ou praticar exercício físico como traz uma das falas da entrevistada por Serrano *et al.* (2019):

Os hormônios são um pouquinho caros, entendeu? Aí eu tive que optar pelos hormônios e ficar sem malhar. Ou eu optava por um ou por outro, mas a minha vontade era fazer os dois porque ajuda bastante pela saúde e pelo corpo. (E4)

Outro fato e mais recorrente é o preconceito sofrido tanto pelos outros alunos quanto pelo próprio profissional de educação física. Surgiu-se daí a necessidade de discutir e explicitar a relevância dessa temática para que possa contribuir em reflexões que resultem em mais promoções de inclusão de transgêneros na prática de exercício físico.

As academias de musculação são espaços que oferecem um leque de atividades e exercícios físicos, todavia, diante da leitura dos artigos usados nas referências, há um parâmetro de concordância no que se refere a recusa de praticar

exercício físico na academia de musculação: o preconceito. Os relatos são de discriminação, tratado pelo sexo biológico, recusa em atendimento.

Perante a construção deste trabalho e dos expostos apresentados, é de suma importância relembrar e/ou mostrar para aqueles que nunca leram, algumas considerações acerca da resolução CONFEF nº 307/2015:

CONSIDERANDO que um país mais justo e democrático passa pela adoção da ética na promoção das atividades físicas, desportivas e similares;

CONSIDERANDO a função educacional dos órgãos integrantes do Sistema CONFEF/CREFs, responsáveis pela normatização e codificação das relações entre beneficiários e destinatários;

CONSIDERANDO a necessidade de mobilização dos integrantes da categoria profissional para assumirem seu papel social e se comprometerem, além do plano das realizações individuais, com a realização social e coletiva (CONFEF, 2015).

Ou seja, é de responsabilidade dos profissionais de educação física a inserção do público transgênero na prática de exercício físico; sendo ele um dos componentes importantes na construção da nova identidade corporal.

A vontade desses sujeitos de modificar seus corpos por meio do exercício físico é mais um campo de trabalho que vem surgindo como oferta para aqueles que conseguem enxergar o ser humano além da visão biológica. Essa oferta não se resume somente em produzir resultados, mas também contribuir na inserção desse sujeito na sociedade no contexto correspondente ao gênero em que se identifica.

A competência do profissional de educação física na prática de exercício físico é promover uma saúde integrada (mente e corpo) e no que se refere ao ambiente da academia de musculação, ajudar na promoção da interação social, visto que é um espaço “público” (todos pagam mensalidade). Cabe a ele entender que seu papel, independente de identidade de gênero, é de ensinar e promover saúde e usar a inclusão social desse público na prática de exercício físico como ferramenta de combate à transfobia.

CONCLUSÃO

No decorrer da construção dessa revisão integrativa, notou-se a existência de poucos estudos sobre essa temática. O que se pode afirmar, é que o padrão estético vem se tornando cada vez mais flexível e a ideia de corpo perfeito molda-se com o

contexto histórico. O cenário atual instiga a busca por corpos tonificados e grandes para a estética masculina e membros inferiores bem desenvolvidos mantendo uma linha de cintura fina, para a estética feminina. Atrelado a isso, o momento é marcado por um grande aumento tanto na demanda quanto na oferta de exercício físico.

Ao (re)construir o corpo através do exercício físico, o indivíduo transgênero reafirma sua identidade para aproximar-se do padrão feminino ou masculino imposto pela sociedade heterocisnormativa (padrão dicotômico); para sentir-se acolhido pela sociedade ou grupo social e ainda, diminuir a possibilidade de violência (psicológica, física, verbal).

Juntamente com procedimentos estéticos e cirúrgicos, o exercício físico é visto como um recurso que contribuirá no processo de transformação de identidade. Tanto em espaços coletivos quanto em atendimentos personalizados, o exercício físico prescrito e promovido pelo profissional de educação física terá um impacto maior na sociedade. Um ponto a ser enfatizado é a utilização dessa inserção na prática de exercício físico como combate ao preconceito, a transfobia.

O presente estudo empenhou-se em discutir essa temática visando contribuir para acervos científicos e gerar reflexões em profissionais de educação física. Sugere-se a realização de mais estudos para que possa servir de base de construção de mais temáticas semelhantes, para que possa servir de ferramenta para lidar com as novas demandas sociais que vem surgindo.

REFERÊNCIAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestir e Transexuais. **Assassinatos 2021**. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acessado em: 06 de dez. de 2021.

BOUMAN, Walter Pierre *et al.* The Gender Congruence and Life Satisfaction Scale (GCLS): Development and validation of a scale to measure outcomes from transgender health services. **International Journal of Transgenderism**. United Kingdom. v. 20, n. 1, 63–80, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15532739.2018.1453425>. Acessado em 26 de nov. de 2021.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. 1 ed. Tradução Marília Moschkovic. São Paulo: nVersos, 2016. ISBN 978-85-8444-104-4

CONFED. **Resolução CONFED nº 307/2015**. Conselho Federal de Educação Física. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/res-pdf/381.pdf>. Acessado em: 04 de dez. de 2021.

CROWE, Sally *et al.* Are we asking the right questions? Working with the LGBTQ+ community to prioritise healthcare research themes. **Research Involvement and Engagement**. Cambridge, v 7, n. 24, 2021. Disponível em: <https://researchinvolvement.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40900-021-00298-7>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

GUINDANI, Joel Felipe *et al.* Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul. n. 1, jul. 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38143476/Analise_Documental-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1631049596&Signature=bxVhIvdnBGqDJTjIU-cFg6AiQMvMP4Z0okOPewPE08WwUJsfPAGynCNGtPiyb4vaxYTv2wai5Y0Wq993v5on3TIJHgYWivvS075ZD~rrgyZW369abbaPvCs6U0uFzOjMPn9G6KTbZchjhqrEeXRQG~EuGywdto6R7bVCOC0-WsBo1NNN3GXFtKvkWb-Lv2BncPLqu7XaA7QfLkTBhVMtS41IBXNmpv1aHcfmiYy3q0VGzZwsy3MMFUcpcfniCBRRG7i-jTQPgZhVXc-agchFVeppVisiVebWtXgcbbyhvJbNs82CQ-r9IXIAfsHbCdQ6X3P6J4LsOMKgDHkBFjJxRA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 07 de set. de 2021.

LANZ, Letícia. **Dicionário Transgênero**. Editora Transgente. 2016.

LOPES, Diego Trindade *et al.* Mulheres trans e atividade física: fabricando o corpo feminino. Botucatu. **Interface**. 2019; v 23, E180624, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/mkPRT7fqYSmHsV5QjF4t7cG/?lang=pt>. Acesso em 13 de out. de 2021.

MAHFOUDA, Simone *et al.* The Perth Gender Picture (PGP): Young people's feedback about acceptability and usefulness of a new pictorial and narrative approach to gender identity assessment and exploration. **International Journal of Transgender Health**. Austrália, v. 22, n. 3, p. 337–348, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1795960>. Acessado em 22 de nov. de 2021.

MURPHY, Timothy F. Adolescents and Body Modification for Gender Identity Expression. **Medical Law Review**. Chicago. v. 27, n. 4, p. 623–639, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/medlaw/fwz006>. Acesso em 23 de nov. de 2021.

SERRANO, Jéssica Leite *et al.* Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino. **Movimento (Porto Alegre)**, v 25, e 25007, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/83494>. Acesso em 13 de out. de 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de *et al.* Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt#:~:text=A%20revis%C3%A3o%20integrativa%20determina%20o,cuidados%20prestados%20ao%20paciente\(%201](https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt#:~:text=A%20revis%C3%A3o%20integrativa%20determina%20o,cuidados%20prestados%20ao%20paciente(%201). Acessado em 08 de ago. de 2021.

SPARKES, Andrew C. *et al.* Exploring Trans People's Narratives of Transition: Negotiation of Gendered Bodies in Physical Activity and Sport. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 18, p. 9854, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18189854>. Acessado em 15 de nov. de 2021.

TRAVASSOS, Natália Pereira; JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. Editora Zahar. 2018. 1 ed. Rio de Janeiro. ISBN 978-85-378-1775-9

YOUNG, Cole *et al.* Physical activity and body image: Intertwined health priorities identified by transmasculine young people in a non-metropolitan area. **International Journal of Transgender Health**. Missouri. v. 21, n. 2, 209–219, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/26895269.2020.1719950>. Acessado em 01 de dez. de 2021.